

Memórias Narradas: a história de Caetano José Ribeiro Júnior.

Cibele Dias Borges¹

Resumo

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa acadêmica vinculada ao programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - PPGMP do Instituto de Ciências Humanas - ICH da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Trata-se da apresentação de Caetano José Ribeiro Junior (1824-1894), artista de São José do Norte que trabalhava com esculturas de arte sacra. A apresentação de Caetano é realizada a partir das narrativas de seus familiares, com o suporte da história oral e das rememorações familiares, por consequência. Essas memórias narradas fazem parte da construção da história de Caetano, bem como uma aproximação familiar desta história que permanece até hoje, viva no discurso de seus descendentes.

Palavras-chave: Memória; história oral; narrativas.

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa acadêmica vinculada ao programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - PPGMP do Instituto de Ciências Humanas - ICH da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Apresento ao leitor o personagem principal desta pesquisa, Caetano José Ribeiro Junior (1824-1894) (Figura 1), nascido e falecido no município de São José do Norte² no Estado do Rio Grande do Sul. Caetano foi artista de grande importância e motivo de muito orgulho para sua comunidade e principalmente para sua família. Conhecido como “o santeiro”, trabalhava principalmente com esculturas de arte sacra. Dentre suas produções, destacam-se o “Senhor dos Passos” e “Nossa Senhora das Dores”, ambas localizadas na Igreja Matriz da Cidade de seu nascimento. No município de Rio Grande localizam-se as imagens de “Nossa Senhora da Conceição”, situada na igreja de mesmo nome e o “Cristo Morto”, localizado na Catedral de São Pedro. Mas como contar a história de tal artista se não há contato direto com ele? Caetano viveu no século XIX, e por conta disso, hoje o acesso a suas informações são basicamente através de contatos com seus descendentes e de documentos pertencentes aos seus familiares. Traçando a ordem cronológica de seus descendentes, hoje se encontram vivos seu bisneto e seus tataranetos. A

¹ Licenciada em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – PPGMP na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. cdiasbor@gmail.com

² O Município de São José do Norte, distante cerca de 372 quilômetros da capital do Estado, faz parte de uma península situada entre o oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos. Possui uma população estimada em mais de 25 mil habitantes, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatísticas (IBGE), no censo realizado em 2010.

Disponível em: < <http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/?p=historia> >

partir desta descoberta, a história de Caetano começa a tomar forma, as narrativas dos descendentes do artista correm por uma linha muito familiar. Seu bisneto, Jader,- aqui será apenas citado o primeiro nome de seus descendentes, para que haja uma certa preservação da privacidade destes-, relata fatos de sua infância, enquanto companheiro de seu avô (filho de Caetano). Na narrativa de Jader - hoje um senhor de 89 anos – as marcas emocionais são muito perceptíveis e afloram com muita facilidade. A história oral como nos cita Marluza Marques Harres (2004, p. 144) “Trata-se de uma metodologia que possibilita a criação de fontes para estudos que levem em conta as experiências e os pontos de vista dos indivíduos.” e como as entrevistas são realizadas com os descendentes de Caetano, a análise da narrativa destes deve ser tratada com muito respeito.

Os riscos de distorções, de erros e de falhas presentes na fonte oral não são maiores nem menores do que nas outras fontes documentais: uma carta, por exemplo, pode conter mais “mentiras” do que uma entrevista. O depoimento de história oral permite, sim, o acesso a uma versão do passado, ou seja, à maneira pela qual o entrevistado concebe o passado. (MOTTA, 2000, p. 12)



FIGURA 1 – Fotografia de Caetano José Ribeiro Júnior, sem datação. Reprodução digital.
Fonte: Acervo familiar.

Caetano, segundo Jader, gostava de ensinar as técnicas que sabia as crianças da

família, era muito próximo das crianças e passava muito tempo falando sobre arte, assim contava seu avô, filho do artista. De outra forma, seria impossível narrar tais acontecimentos, pois não há qualquer registro de próprio punho do artista que tenha sido deixado para que soubéssemos destes episódios. Aqui a história oral, auxilia na pesquisa, para a compreensão da vida do artista, uma vez que não se pode ter contato direto a ele. Também nesta pesquisa a prática da história oral, auxilia muito para a construção da imagem de Caetano José Ribeiro Júnior, artista em questão, e, além de auxiliar na contextualização de sua vida, é uma forma de seleção do que se quer narrar, segundo Lucília Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas. Testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (DELGADO, 2006, p. 15-16).

Através de entrevistas com descendentes de familiares e cidadãos do círculo de convívio do artista, a busca de informações e o resgate da memória, dita coletiva, conceito abordado na obra, *Memória Coletiva*, pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, vai tomando forma. As primeiras lembranças são aquelas compartilhadas, sendo assim, não lembramos sozinhos, cada um de nós, individualmente, contribui com o seu ponto de vista ao coletivo. As memórias social e individual se interligam, quanto mais fortes são os grupos, mais agregadoras são as memórias, o que está em jogo não é como as pessoas lembram, mas sim em que contexto isto ocorre. O contexto onde o entrevistado se apresenta, pode dizer muito do que será narrado, do que será ocultado. Os grupos aos quais convivemos é que estruturam nossa memória. O grupo é importante, mas fundamental é o processo de sociabilização que vem através da linguagem que possibilita contar a história. As impressões que observamos, as pistas deixadas ao longo da narrativa do entrevistado, são seleções feitas por quem as conta. As rememorações vêm de acordo com a vivência que o tempo presente suscita. Recordar é ter uma imagem do passado, essa imagem é uma impressão deixada pelos acontecimentos ocorridos e que permanece fixada no espírito e viva através da história oral. Paul Ricoeur nos fala desses acontecimentos que ficam fixados no espírito (2010, p.27) “[...] quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos.”. São esses sentidos que são observados na narrativa de seu bisneto, por exemplo, sentidos que auxiliam na luta contra o esquecimento.

O artista em questão tem sua história perpetuada através de seus descendentes. Uma história passada de geração em geração e que hoje, através desta pesquisa fica viva na narrativa pessoal de cada familiar. Caso houvesse um distanciamento do grupo o qual se compartilha idéias, por exemplo, automaticamente haveria o esquecimento, bem como a impossibilidade da reconstrução da lembrança. Maurice Halbwachs nos diz isso quando refere que a memória coletiva, nada mais é, do que a participação da memória individual de cada sujeito para com o fato, segundo Halbwachs (1990, p. 51) “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.”. A família de Caetano perpetua a sua história, porque não deixa de falar ou narrar para seus descendentes e curiosos quem foi este artista. Mesmo com marcas muito fortes em sua biografia, Caetano é sempre lembrado com carinho por seus descendentes. Pesquisar através da história oral permite ao pesquisador, ler nas entrelinhas do que esta sendo narrado, as lembranças ativadas pelo entrevistado, lembranças que causam algum mal estar e que por ele estariam fora de sua narrativa. Tais lembranças podem contribuir indiretamente, para a construção da pesquisa. Podemos manipular as memórias, mas também manipulamos os esquecimentos. Da mesma forma nem sempre o esquecimento será apagamento, esse é uma forma de se guardar fatos que no momento não vieram à tona. A memória é o reconhecimento que é imediato, é a forma do passado agir no presente. Narrando suas memórias, a família de Caetano estará reavivando o sentimento de pertencimento a gerações passadas e fortalecendo os laços que ligam este artista a seus descendentes e também a cidade e memória da cidade.

É com essas memórias que a narrativa da história de Caetano começa a se moldar. Em um primeiro contato com os familiares, um ponto a ser destacado foi o fato de começarem a história por seu sobrenome. Buscaram através de sua árvore genealógica o caminho para o começo da narrativa. Como Caetano era muito conhecido pelo sobrenome Ribeiro, a família vivenciou a experiência de buscar suas raízes que hoje, já estavam “apagadas”. *Um esquecimento constitutivo na formação de identidades*, como descreve Paul Connerton. Este esquecimento ocorre através de alianças do presente, através de parentescos horizontais, como o casamento, por exemplo. Por uma questão de adoção deste parentesco horizontal, hoje a família Ribeiro é mais conhecida por Amaral, então o fato de lembrar uma parte da história deles que acabou ficando no passado, fez com que muitas contribuições fossem dadas com muito zelo e com atribuição significativa a importância dessa lembrança. Caetano possuía o gosto pela cultura. Junto de sua família, montou uma companhia de teatro que saía pela cidade, montando seu palco na rua e ali fazendo apresentações. Veio de uma família que valorizava e até hoje valoriza qualquer manifestação cultural. Fato este que fica claro na

narrativa de seu bisneto, Jader, com muito orgulho ele salienta que “Caetaninho” como era chamado por sua família, era um curioso pela arte. Gostava de ser o centro das atenções e adorava um palco.

Não é só a memória familiar que conta nesse processo, mas também a linguagem (o dialeto, a “língua-mãe”), o nome, a moradia, o território, a posição social, aspirações e valores sociais, visões de mundo, comportamentos, parentesco, etc. [...] As próprias histórias de vida individuais incorporam as histórias de famílias, são uma forma de memória coletiva. (TEDESCO, 2002, p. 52)

A história de Caetano vai se redimensionando, agora também através de seu trabalho. Suas obras estão visíveis para que qualquer pessoa possa ter acesso. Através de seus trabalhos, um tempo histórico pode ser rememorado, torna-se uma tentativa de contextualização do período em que o artista viveu. O contato com estas obras, favorece aos descendentes atuais de Caetano uma experiência estética com a história do artista. As imagens são ilustrações da atividade a qual Caetano trabalhava. Além de estarem presentes hoje, no cotidiano da família, tais imagens servem como referencial estético do trabalho do artista. A partir da referenciação das imagens como parte integrante do acervo do artista, outras memórias vão sendo agrupadas e narradas. Além de estar presente na narrativa de seus descendentes, Caetano perpetuou a sua história e a história de sua família, através de suas imagens. Seus tataranetos narram com orgulho e curiosidade o fato de Caetano ter idealizado o rosto de algumas de suas imagens, a partir do rosto de sua mulher e seu filho. A imagem de “Nossa Senhora da Conceição”, que fica localizada na Igreja de mesmo nome, na Cidade do Rio Grande, como já citado anteriormente, possui traços em seu rosto que se referem ao rosto da esposa de Caetano. Segundo seus tataranetos e bisneto, Caetano tinha uma ligação muito forte com o estudo do corpo humano e usava seus familiares para por em prática seus estudos. Esta inspiração, e o estudo do corpo humano são de tamanha importância dentro da História da Arte. Muitos artistas utilizavam de seus estudos e saberes para compor seus trabalhos. Assim foi com Leonardo da Vinci, o artista, referia-se ao homem como o modelo do mundo, modelo este gerado pelo Todo Poderoso. Por sua curiosidade e seu estudo do corpo humano, Caetano construiu muitas imagens articuladas, o que também caracterizava seu trabalho. O rosto da imagem do “Senhor dos Passos” localizada na Igreja Matriz de São José do Norte, a Igreja São José, também é outra referência deste trabalho de Caetano. O rosto da imagem traz traços semelhantes ao do filho do artista, que faleceu de tuberculose. Segundo seus descendentes, enquanto seu filho estava no leito de morte, Caetano trabalhava o entalhe

do rosto da imagem, talvez para representar a dor do filho, no rosto do Cristo, que leva uma cruz nas costas e segue pelo caminho da via crúcis. Caetano também trabalhava com restauro de imagens sacras. Muitos dos documentos da época se perderam em trocas de administrações de igrejas, mas um recibo que comprova o pagamento a tal serviço prestado, foi guardado pela família e hoje serve de referência para seus descendentes, quando falam de suas obras. Neste recibo consta o agradecimento da Diocese da cidade do Rio Grande, ao “Santeiro”, pelo restauro de imagens. Caetano tinha como foco principal, o trabalho com arte sacra, na época, certamente o que mais lhe proporcionaria dinheiro e com isto facilitaria a compra de seu material. Caetano trabalhava com madeiras muito pesadas e naquele período o material chegava via navio, pelo Porto da Cidade do Rio Grande. Certamente sua arte bancava a compra de seus materiais.

Por outro lado, conhecemos Caetano com outra face, mas nem por isso, menos curiosa. Nas memórias familiares um Caetano curioso e perfeccionista é apresentado. Além de trabalhar com obras de arte sacra, o artista também ficou muito conhecido por falsificar dinheiro. Caetano reproduzia as notas e as colocava dentro do sapato, para que ganhassem um aspecto envelhecido e assim, tornarem-se o mais próximas possível do real. Suas técnicas eram conhecidas por um escravo que o auxiliava com seus trabalhos, por algum motivo que não mencionado da narrativa de seu bisneto e seus tataranetos, Caetano foi traído por seu escravo, sendo denunciado por falsificação de moeda e sendo condenado a degredo na Ilha de Fernando de Noronha. A Palavra degredo, segundo o dicionário Priberam “vêm do latim *decretum*, decreto, sentença, **degredo** s. m. 1. Pena de desterro, imposta judicialmente como castigo de um crime grave.”. Da Ilha Caetano trouxe consigo a moléstia mais comum na época, a tuberculose. Já em sua terra natal, faleceu logo em seguida da sua chegada. No livro de registros dos causos da cidade de São José do Norte, no ano da morte de Caetano, uma nota é lançada, onde nela, tais informações são apresentadas como conseqüências da inocência de um artista que segundo a comunidade da época, não era o único a trabalhar com falsificação.

Na narrativa, de seus descendentes, descobrimos um Caetano, pai, marido, companheiro de sua família, criativo, curioso, interessado em toda a forma de cultura. A história de um artista que contribuiu muito para a formação cultural e da fé dos cidadãos da cidade de São José do Norte. Podemos dizer aqui, que a memória é um elemento que constitui a identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si, como a reconstrução da biografia de Caetano, a partir de seus descendentes. O sentimento de identidade está sendo tomado para a imagem de si,

para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. Caetano de certa forma, escolheu ser lembrado por sua família, por seus feitos, sejam eles oficiais ou não. A memória que esta família tem deste artista, é construída a partir de uma noção de história familiar que se quer perpetuar para os outros e para os seus. Narrando essas memórias, a história de Caetano se perpetua para a comunidade, uma vez que sua história é viva e sempre narrada entre seus familiares. Apresentar tal artista a sua comunidade ajuda na reconstrução da memória coletiva de uma Cidade que sempre vivenciou a arte e suas manifestações de modo natural. O reconhecimento da atribuição das imagens a Caetano permite a comunidade, fazer uma reconstrução histórica do lugar onde vivem, de seu entorno. De outra forma, que não através da narrativa familiar, a história deste artista poderia não estar presente no dia a dia dos moradores da cidade de São José do Norte. Tal pesquisa admite a aproximação da história deste artista com sua comunidade e permite de certa forma que a memória de Caetano fique viva, através de suas obras e na narrativa dos transeuntes que por ali circulam.

REFERÊNCIAS

CONNERTON, Paul. **Seven types of forgetting**. Memory Studies, 2008, p.1-59.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. **Revista História Unisinos**. São Leopoldo, v. 10, n. 8, jul./dez. 2004. p. 143-156.

Disponível em:

<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/16_historian10vol8_artigo10.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2011.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. Vidya, Santa Maria/RS, n. 34, p.101-122, jul./dez. 2000. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6727>>. Acesso em: 18 de julho de 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. WMF MARTINS FONTES, 2010.

TEDESCO, João Carlos [org.]. **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:

<<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>. Acesso em: 18 de julho de 2011.